

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ

JOÃO VITOR MAROCHI DE OLIVEIRA

**ATIVAS NA CAMPANHA: COMO AS FIGURAS DE MICHELLE BOLSONARO E
JANJA FORAM RETRATADAS NA SEÇÃO TAB DO PORTAL UOL**

**CASCADEL - PR
2023**

JOÃO VITOR MAROCHI DE OLIVEIRA

**ATIVAS NA CAMPANHA: COMO AS FIGURAS DE MICHELLE BOLSONARO E
JANJA FORAM RETRATADAS NA SEÇÃO TAB DO PORTAL UOL**

Trabalho apresentado como requisito parcial
para conclusão da disciplina TCC 2 – Artigo,
do curso de Jornalismo do Centro
Universitário da Fundação Assis Gurgacz.

**Orientador(a): Alex Sandro de Araujo
Carmo**

**CASCADEL - PR
2023**

ATIVAS NA CAMPANHA: COMO AS FIGURAS DE MICHELLE BOLSONARO E JANJA FORAM RETRATADAS NA SEÇÃO TAB DO PORTAL UOL.

OLIVEIRA, João Vitor Marochi¹
CARMO, Alex Sandro de Araujo²

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo analisar a maneira com que Michelle Bolsonaro e Rosângela Lula da Silva, popularmente conhecida como Janja, foram retratadas em duas reportagens de perfil publicadas na seção TAB, do Portal UOL, tendo como foco observar a representação da figura feminina nestes textos levando em consideração os conceitos e estudos sobre feminismo e o papel da mulher na sociedade. Por meio de metodologia de análise de conteúdo de discursos midiáticos, este trabalho busca compreender de que maneira as duas figuras citadas foram apresentadas à população por meio de um grande veículo de imprensa, visto que o jornalismo em época de eleições desempenha um papel decisivo para a escolha dos representantes políticos da nação.

PALAVRAS – CHAVE: Eleições. Primeiro-damismo. Patriarcalismo. Portal UOL. Papel da mulher.

1. INTRODUÇÃO

O pleito de 2022, que decidiu o novo presidente do Brasil, foi o que terminou com a menor diferença percentual em toda a história da Nova República brasileira, com os candidatos separados por uma diferença de apenas 1,8% dos votos – em números absolutos, cerca de 2,1 milhões de votos, conforme os dados oficiais do Tribunal Superior Eleitoral (TSE)³. Uma disputa tão acirrada explica-se devido ao embate de duas figuras que são símbolos de espectros políticos opostos do Brasil: Luiz Inácio Lula da Silva, representando a esquerda brasileira, e Jair Messias Bolsonaro, representando a direita e a extrema-direita.

Apesar de serem dois políticos que despertam grande paixão em seus eleitores, ambos os candidatos registraram, também, rejeição recorde para um pleito presidencial. Dois dias antes do segundo turno das eleições de 2022, uma pesquisa do Instituto DataFolha apontou que 50% dos eleitores brasileiros não votariam em Bolsonaro, e 46% declararam que não escolheriam Lula de jeito nenhum.

É nesse cenário de grande aversão aos candidatos que entram as primeiras-damas: Michelle Bolsonaro e Rosângela Lula da Silva, mais conhecida

¹ Acadêmico (a) do 8. Período do Curso de Jornalismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: jvmoliveira@minha.fag.edu.br

² Orientador. Doutor em Letras. E-mail: alexcarmo@fag.edu.br

³ Dados disponíveis em <https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao/resultados>. Acesso em 22 de agosto de 2023.

como Janja. Ambas tiveram um papel de protagonismo nas campanhas, participando de eventos, discursando e até comandando ações de campanha sem a presença dos candidatos. Esse protagonismo foi inédito na história eleitoral brasileira e é reflexo de uma eleição que foi decidida mais pela aversão do que pela aceitação aos candidatos disponíveis.

Segundo Barbosa (2006, p.219), “no Brasil pós-1930, os meios de comunicação assumiram em muitos momentos políticos decisivos, sobretudo no que diz respeito aos grandes centros (Rio de Janeiro e São Paulo), o papel de protagonista”. Observando a cobertura da imprensa das eleições de 2022, é possível observar que os meios de comunicação assumiram, novamente, um papel de destaque como formadores da realidade percebida pela sociedade brasileira. Por terem esse papel privilegiado no ato de moldar a percepção do momento em que vivemos, se faz necessário que a imprensa reflita e tenha noção sobre os tipos de discursos que reverberam por meio de suas produções.

A cobertura jornalística de eleições exerce sobre a sociedade uma grande influência. Os discursos utilizados pela imprensa para caracterizar um candidato podem mudar completamente o balanço de forças do jogo político. Como o papel das esposas dos candidatos se tornou importante no pleito eleitoral de 2022, a preocupação com os discursos acerca delas também se tornou relevante, pois se faz necessário observar se a cobertura contribui para a manutenção de preconceitos contra as mulheres, se foram caracterizadas como inadequadas as funções desempenhadas por Michelle Bolsonaro e Janja ou se perpetuaram discursos que reforçam pressões estéticas e sociais acerca da figura e do papel da mulher na sociedade brasileira.

Uma cobertura estereotipada não está apenas localizada em um passado distante e pode ser observada lembrando acontecimentos recentes. Na posse da presidente Dilma Rousseff, em 2011, por exemplo, a figura de Marcela Temer recebeu destaque em detrimento do discurso da primeira mulher eleita presidente no Brasil. Na época, Marcela foi chamada de “musa da República”⁴ e “musa da posse”⁵, o que escancara uma inversão de critérios sobre o que é mais importante: uma

⁴ Disponível em <https://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0..EMI200903-15518.00.html>. Acesso em 22 de agosto de 2023.

⁵ Disponível em <https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2011/01/03/considerada-musa-da-posse-marcela-temer-na-o-e-a-carla-bruni-brasileira-diz-marido.htm>. Acesso em 22 de agosto de 2023.

mulher seguindo os padrões de beleza roubou a cena em detrimento de uma mulher que ocupou um cargo inédito.

Um abandono de discursos que diminuem, de certa maneira, a figura feminina a lugares extremamente restritos encontra resistência no enraizamento desses preceitos no inconsciente da população brasileira, pois foram cunhados há muito tempo. A criação da Legião Brasileira de Assistência (LBA), por exemplo, fundada por Darcy Vargas, em 1942, reforçou as diretrizes do papel da mulher na sociedade brasileira, assim como a função das primeiras-damas. A LBA foi uma instituição criada no contexto da Segunda Guerra Mundial e que recrutava mulheres para trabalhos de cunho assistencial e caritativo. Segundo Rodrigues (2021), “Mãe”, “lar” e “socorro” são os substantivos mais utilizados para se referir à Legião Brasileira de Assistência, sendo esses termos associados à lógica que marca as relações de gênero até hoje.

Diante desse contexto, buscamos, com a presente pesquisa, entender quais são os discursos presentes no trabalho da imprensa brasileira, mais especificamente no Portal Universo Online (UOL), em relação à Michelle Bolsonaro e Rosângela da Silva durante o pleito de 2022. Para isso, analisamos duas reportagens que traçam o perfil de cada uma das esposas dos dois candidatos: o texto “De Ceilândia ao Alvorada, Michelle deixa reclusão e quer ser Kate Middleton”, publicado no dia 13 de setembro de 2022 e escrito pela jornalista Juliana Faddul; e o texto “Da geladeira em Itaipu à vigília na PF, como Janja virou amuleto de Lula”, publicada no dia 14 de setembro de 2022 e escrito pela jornalista Lola Ferreira. Ambas as reportagens de perfil foram publicadas na seção TAB, do Portal Uol durante o segundo turno das eleições de 2022. Desenvolvemos, assim, uma pesquisa qualitativa e interpretativista que se pauta nos pressupostos da Análise de Discurso.

A escolha do Portal UOL é pertinente devido ao alcance e aos objetivos do site de notícias. As características do site, que faz parte do grupo Folha de São Paulo, um dos maiores grupos de comunicação do Brasil, são de um portal horizontal, que de acordo com Lima Junior (2003) são aqueles que focam em grandes audiências, oferecendo a maior gama possível de serviços e informações. O UOL conta com uma audiência mensal de 114 milhões de visitantes únicos, com 7,4 bilhões de páginas vistas⁶.

⁶ Dados disponíveis em <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/>. Acesso em 22 de agosto de 2023.

Conforme afirma Pena (2006), o jornalismo está longe de ser um espelho do que é a realidade, mas faz um trabalho de construção da percepção de mundo, de uma suposta realidade. Ainda segundo o autor, o trabalho desenvolvido nas redações jornalísticas é o de (re)construção da realidade. Por esse motivo, é importante que os profissionais da imprensa tenham consciência dos estereótipos e preconceitos presentes nos discursos sobre o papel da mulher na política e na sociedade que materializam em seus textos.

Sendo assim, essa pesquisa tem relevância na busca pela compreensão sobre as maneiras mais adequadas de retratar as mulheres e suas funções na sociedade em que vivemos, contribuindo para a ampliação dos espaços ocupados por elas e na criação de uma sociedade mais democrática e representativa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A MULHER NA SOCIEDADE

Os discursos sobre o papel da mulher na sociedade mudaram radicalmente ao longo da história. Na época em que Engels (1975) chamou de período da barbárie, as mulheres eram livres e muito consideradas. Os autores Rodrigues, Nascimento e Nonato (2015) pontuam sobre como a figura feminina era vista nesta etapa da história humana:

A sociedade era matriarcal, isto é, o poder era exercido pelas mulheres, particularmente pelas mães do grupo ou clã. Essa condição lhes conferia um enorme e vasto poder, marcando a supremacia no território político feminino, na organização e direção da vida social (RODRIGUES; NASCIMENTO; NONATO, 2015, p.82).

Apesar disso, a percepção sobre a figura da mulher esteve relacionada a ambiguidades. Ao contrário do prestígio por ser a genitora da espécie humana, as mulheres também causavam medo nos homens pelo mesmo motivo. Segundo Follador (2009), ao longo dos milênios “a mulher foi associada às forças da natureza devido à fertilidade e ao seu papel na reprodução da espécie. Ela provocava medo no homem por causa de acontecimentos que eram inexplicáveis, como a maternidade” (FOLLADOR, 2009, p.6).

Segundo Engels (1975), as relações de poder entre homens e mulheres começaram a mudar no momento da substituição daquilo que o autor conceitua como família sindiásmica para a família monogâmica. Com a domesticação de animais e novas formas de produzir riquezas, ficaram à cargo do homem as atividades de procura da alimentação, assim como a posse dos objetos necessários. Para as mulheres daquela sociedade, ficaram reservadas as tarefas domésticas e os utensílios necessários para o desenvolvimento delas.

Neste mesmo momento de transição de modelos de família, uma importante mudança na lógica da sociedade foi inaugurada. Antes, em uma sociedade matriarcal, apenas os descendentes da linhagem feminina herdavam os bens da família, pois os parentes da descendência masculina não eram considerados próximos. Esse conceito foi completamente modificado, conforme explica Engels (1975).

Desta forma, pois, as riquezas, à medida que iam aumentando, davam, por um lado, ao homem uma posição mais importante que a da mulher na família, e, por outro lado, faziam com que nascesse nele a ideia de valer-se desta vantagem para modificar, em proveito de seus filhos, a ordem da herança estabelecida. Mas isso não se poderia fazer enquanto permanecesse vigente a filiação segundo o direito materno. Esse direito teria que ser abolido e o foi.[...] Bastou decidir simplesmente que, de futuro, os descendentes de um membro masculino permanecesse na gens, mas os descendentes de um membro feminino saíam dela, passando à gens de seu pai. Assim, foram abolidos a filiação feminina e o direito hereditário materno, sendo substituídos pela filiação masculina e o direito hereditário paterno (ENGELS, 1975, p.59-60).

Durante a Idade Média, surgiram novas visões sobre a figura feminina na sociedade. Por se tratar de um período histórico dominado pela Igreja Católica, os valores que balizam a sociedade ocidental daquele momento tinham origem no cristianismo. Assim, o imaginário popular, no que dizia respeito às mulheres, era povoado por duas figuras muito conhecidas da doutrina judaico-cristã: Eva e Maria. Follador (2009) explica essa relação.

Ocorreu na Idade Média o fortalecimento do culto à Virgem Maria e o destaque para suas qualidades. Desde o final do século XI, os religiosos esforçavam-se para transformar este ser diabólico numa fonte do bem. Mas, a imagem das descendentes de Eva, pecadoras e sedutoras, ainda predominava nesse período. O culto à Virgem ganhou destaque a partir do século XII, onde Maria representava o ideal de mulher pura, assexuada, capaz de conceber sem pecar. Um ideal que deveria ser seguido pelas

demais mulheres em detrimento da herança deixada por Eva, pois, enquanto essa carregava o castigo na sua sexualidade, Maria trazia a redenção às mulheres mostrando que era possível cumprir o papel de procriadora, sem exercer o desejo carnal. (FOLLADOR, 2009, p.6-7).

O Brasil foi um país colonizado por países europeus, então, é lógico considerar que os valores presentes nos países do velho continente foram importados para as terras brasileiras. A sociedade do período colonial seguia uma estrutura rígida, completamente centralizada na figura masculina do senhor de engenho, que detinha poder absoluto sobre as terras, a família e os escravos. Os padrões de dominação foram reproduzidos no Brasil e, segundo Follador (2009), o poder do homem sobre a mulher “atingia todos os campos de suas vidas, como o controle dentro de casa desde a infância, o controle ideológico mantido pelos ideais de recato, respeito, humildade e pela falta de instrução” e ainda se estendia na escolha de um marido considerado adequado para ela, seleção esta feita pelo pai.

O avanço da sociedade auxiliou na mudança de alguns ideais enraizados no imaginário popular. Com a Revolução Industrial, a mulher passou ocupar espaços no mercado de trabalho, mesmo que ficasse restrita a certas atividades. Na década de 1960, por exemplo, Rodrigues, Nascimento e Nonato (2015) citam que “a mulher era vista como se, biologicamente, fosse contemplada com habilidades de forno e fogão” e dessa forma era “rotulada como a rainha do lar, mensagem subliminar para manter a mulher cuidando da casa, dos filhos e viver submissa à sombra do marido” (NASCIMENTO; NUNES; NONATO, 2015, p.89).

Apesar de inúmeras mudanças na esfera social e profissional, acarretadas pelo crescimento do movimento feminista no mundo ocidental, as mulheres ainda seguem em posição de desvantagem. No mercado de trabalho, é comum observar que homens e mulheres que ocupam os mesmos cargos recebem salários diferentes, com a desvalorização pendendo para o lado da figura feminina. Beauvoir explica essa relação.

A mulher sempre foi, senão a escrava do homem, ao menos a sua vassala; os dois sexos nunca partilham o mundo em condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado „handicap“. Em quase nenhum país o seu estatuto legal é idêntico ao do homem e, muitas vezes, este último a prejudica consideravelmente. Mesmo quando os direitos lhes são abstratamente reconhecidos, um longo hábito impede que encontre nos costumes sua expressão concreta.(BEAUVOIR, 1982, p.21)

No contexto de um mundo que busca manter as relações de poder já existentes, novos desafios são impostos às mulheres para dificultar a ascensão social delas. O chamado Mito da Beleza, postulado por Wolf (2019), exerce um novo tipo de pressão contra as mulheres, agora ligada às características físicas e sobre a necessidade de “ser bonita”.

Segundo Wolf, “à medida que as mulheres se liberaram da Mística Feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido para assumir sua tarefa de controle social” (WOLF, 2019, p.27). Levando em consideração esta afirmação, é possível notar que novos obstáculos são criados a partir do momento que os antigos são superados pelas mulheres. O Mito da Beleza conta com uma característica ainda mais cruel, pois ele cria uma competição entre as próprias mulheres, conforme explica Wolf:

“Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram”. (WOLF, 2019 p.29)

Dessa forma, é de grande importância levar em consideração todas as dificuldades citadas para analisar o papel e as ações das mulheres que ocuparam o posto de Primeira-Dama do Brasil, a fim de compreender de que maneira os conceitos enraizados na sociedade brasileira moldaram o modelo de atuação das esposas dos presidentes brasileiros.

2.2. O PRIMEIRO-DAMISMO NO BRASIL

O cargo de Primeira-Dama não existe oficialmente no Brasil, ou seja, não há nenhuma legislação que verse sobre direitos exclusivos e deveres dessa posição ocupada pelas mulheres dos representantes do Executivo. No entanto, a posição de primeira-dama “exerce, ou pode vir a exercer, papel de destaque na administração de seus cônjuges e no desenvolvimento de possíveis capitais políticos” (RODRIGUES, 2021, p.20).

Segundo Rodrigues (2021), a expressão “primeira-dama” foi utilizada pela primeira vez em meados do século XIX, por Zachary Taylor, o 12º Presidente dos Estados Unidos da América, que usou o termo para se referir a Dolley Payne Todd

Madison, esposa do antecessor no cargo de presidente, James Madison. Em solo brasileiro, ainda conforme Rodrigues (2021), a primeira mulher que desenvolveu um modelo de atuação como primeira-dama foi Darcy Vargas, esposa do ex-presidente Getúlio Vargas, que assumiu a presidência do país pela primeira vez em 1930.

Com a ascensão de Vargas ao poder, houve uma mudança de paradigma nas questões relacionadas à pobreza no Brasil.

No cenário brasileiro até 1930, o Estado não concebia a pobreza como expressão da questão social, e sim, como “caso de polícia”, agindo de forma repressora, como se pudesse reprimir ou acabar com uma situação que era colocada como consequência da relação capital-trabalho. Um novo momento político estava sendo delineado com a formação do Estado Nacional através do Estado Novo, quando o governo assume algumas responsabilidades, que antes estavam nas mãos do sistema privado (SILVA, 2009, p. 64).

A partir dessa mudança de rumos nas políticas brasileiras para assistência social, foram criados mecanismos para o desenvolvimento de ações sociais. Nesse contexto, segundo Silva (2009), a assistência aos trabalhadores informais e aos pobres ficou a cargo da primeira-dama Darcy Vargas, que cuidava das ações juntamente com as instituições de caridade e sob o comando da Legião Brasileira de Assistência (LBA), criada pela própria primeira-dama.

A LBA é considerada o primeiro órgão de caráter governamental destinado à assistência social no Brasil. Pouco após a sua criação, que ocorreu em 1942, a Legião foi fortalecida no contexto da Segunda Guerra Mundial. Em 1943, o Brasil aderiu ao bloco dos Aliados e iniciou o envio de tropas para o *front* e a LBA foi a responsável por acolher as esposas dos combatentes.

A Legião, logo ao iniciar seus trabalhos, atrelou às suas práticas assistenciais a participação de mulheres envolvidas com a filantropia, o voluntariado e o trabalho caritativo. Dessa maneira, buscando uma aliança dessa parcela feminina com as ações do Estado, houve um incentivo à participação das mulheres nesse processo de defesa da nação (RODRIGUES, 2021, p. 95).

A partir dessas ações, a LBA orientou algumas diretrizes de atuação das mulheres na sociedade brasileira, que ficavam restritas às ações assistenciais e relacionadas com o cuidado e com a caridade. Segundo Rodrigues (2021), “Mãe”, “lar” e “socorro” são os substantivos mais utilizados para se referir à Legião Brasileira de Assistência, sendo esses termos associados à lógica que marca as

relações de gênero. Dessa maneira, tais atributos que foram diretamente relacionados com as mulheres brasileiras da época ficaram intrinsecamente ligados com a figura da primeira-dama, desde Darcy Vargas até as próximas ocupantes do cargo.

A figura da primeira-dama começou a sofrer modificações a partir da década de 1990, após o Brasil ter passado por 21 anos de uma Ditadura Militar e por um período de redemocratização conturbado. A figura que iniciou a mudança de paradigmas foi Ruth Cardoso, esposa do presidente Fernando Henrique Cardoso. Durante a campanha eleitoral de 1994, Ruth se engajou nas ações, após uma certa resistência. Em seu primeiro discurso em um palanque, ocorrido em Fortaleza, no dia 22 de setembro de 1994, Ruth foi na contramão dos procedimentos de praxe das primeiras-damas: “Ao contrário do padrão de comportamento adotado pelas esposas postulantes ao posto de primeira-dama, Ruth não direcionava suas falas para questões de cunho assistencial” (RODRIGUES, 2021, p. 302).

Após a vitória eleitoral, Ruth declarou que não assumiria a presidência da LBA e, no primeiro dia do governo FHC, a Legião Brasileira de Assistência foi extinta por meio da Medida Provisória nº 813. Nesse sentido, Ruth assumiu o comando do Programa Comunidade Solidária, mas não queria ficar restrita às atribuições tradicionais das primeiras-damas. Para isso, seu reconhecimento no mundo acadêmico foi essencial:

Carregando o peso de ter que possuir alguma função enquanto o marido ocupava a Presidência da República, mas renegando o estereótipo que a figura da primeira-dama carregava, Ruth Cardoso viu no Conselho da Comunidade Solidária a oportunidade em dialogar com os problemas sociais emergentes, que ela já havia identificado em seus estudos acadêmicos. Ela estaria no governo sem ser governo, e sem deixar de ser a antropóloga, intelectual reconhecida no campo acadêmico nacional e internacional (RODRIGUES, 2021, p. 21).

Por ter uma carreira independente à do marido, Ruth Cardoso foi a responsável por reconfigurar as atribuições da primeira-dama, participou da equipe que montou o plano de governo de FHC, “no entanto, vale destacar que não conseguiu romper com o ciclo que ligava a figura da primeira-dama às atividades de cunho social” (RODRIGUES, 2021, p. 326). Por se tratar de uma herança de décadas, a figura de Ruth como primeira-dama ainda foi responsabilizada pelo desenvolvimento de ações na área da Assistência Social.

Sucessora de Ruth Cardoso, Marisa Letícia⁷, esposa do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva à época, concretizou uma maior mudança na figura da primeira-dama, conforme explica Rodrigues: “de forma mais efetiva que a ruptura proposta Ruth Cardoso, Marisa propõe e efetiva uma quebradura em relação a essa figura social e as ações a serem desenvolvidas por ela” (RODRIGUES, 2021, p. 346). Marisa manteve uma proximidade ímpar com o marido durante o mandato, tendo até mesmo uma sala próxima ao Gabinete Presidencial dedicada a ela. Quando questionada sobre não atuar nas causas assistenciais, Marisa respondeu que “o Brasil não teria uma primeira-dama fabricada” (RODRIGUES, 2021, p. 346).

Tendo em vista a atuação de Ruth e Marisa, “é impossível atribuir a elas uma posição apenas decorativa junto aos seus esposos” (RODRIGUES, 2021, p. 347), fator que representa uma ruptura com a tradição das primeiras-damas brasileiras.

Durante o período de Dilma Rousseff na Presidência, entre 1 de janeiro de 2011 e 31 de agosto de 2016, o posto de Primeira-dama, ou de Primeiro-cavaleiro caso fosse ocupado por um homem, ficou vago, pois a presidente era divorciada. Após o processo de impeachment da primeira mulher a ocupar a Presidência do Brasil, Michel Temer assumiu a chefia do Executivo nacional e Marcela Temer passou a ocupar o posto de primeira-dama.

Marcela não era amplamente conhecida pela sociedade brasileira, mas foi destaque na posse presidencial em 2011, quando subiu a rampa do Palácio do Planalto junto a Michel Temer, eleito vice-presidente à época. Na ocasião, a imprensa noticiou a jovialidade e os aspectos físicos de Marcela, mesmo com o fato inédito de uma mulher receber a faixa de presidente. Conforme cita Machado (2019), a esposa de Michel Temer virou assunto nas mídias sociais e na imprensa após a cerimônia.

Nos dias que se seguiram à posse presidencial, a mídia produziu diversas matérias relacionadas à beleza e jovialidade da esposa do vice-presidente. Os textos destacavam um suposto desinteresse pelo discurso da primeira mulher eleita para presidir o Brasil, Dilma Rousseff, em razão da aparência de Marcela, que atraía os olhares do público. Aos 27 anos, Marcela era denominada pela mídia como “musa da República” e “musa da posse”. (MACHADO, 2019, p.62).

⁷ Marisa Letícia ocupou o posto de Primeira-Dama entre 1 de janeiro de 2003 e 1 de janeiro de 2011, nos dois primeiros mandatos de Lula. Marisa faleceu em 3 de fevereiro de 2017.

Em 2016, Marcela teve sua principal aparição na mídia brasileira, após a publicação da matéria intitulada “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”⁸, veiculada na Revista Veja, em 18 de abril daquele ano. A publicação foi ao ar dias antes da conclusão do processo de impeachment de Dilma Rousseff e contribuiu para a criação de imagens antagônicas entre as duas mulheres, conforme cita Machado (2019):

A matéria apresentava oficialmente Marcela Temer ao povo brasileiro, ressaltando características que considerava elogiosas e construía um discurso sobre o papel da primeira-dama quase em oposição ao perfil construído sobre Dilma Rousseff, naquele momento ainda presidenta da República. Dilma e Marcela apareciam como figuras antagônicas na imprensa brasileira. (MACHADO, 2019, p.63).

Com Michel Temer na Presidência, Marcela passou a ocupar o posto de Primeira-dama, no entanto sua atuação não obteve destaque. Emprestou sua imagem para os programas Criança Feliz e Viva Voluntário, mas sem ter papel relevante. Nesse sentido, Machado (2019) explica: “Em suma, as participações da primeira-dama Marcela Temer não envolveram qualquer ato de decisão, nem mesmo relacionadas às questões sociais e educacionais, campo tradicional de atuação das primeiras-damas”. Além disso, Machado (2019) cita que suas funções se limitaram a participar de inaugurações e a recepção de esposas de políticos em eventos sociais do governo e que na mídia foi destacada pela aparência, nos cuidados com Michelzinho, filho do casal, e com os cães da família.

Michelle Bolsonaro foi a 37ª Primeira-dama do Brasil, entre o período de 1 de janeiro de 2019 e 1 de janeiro de 2023, durante o mandato do Presidente Jair Messias Bolsonaro. Durante a cerimônia de posse, Michelle recebeu destaque da imprensa por “quebrar o protocolo” do rito, conforme explicam Maier e Pereira (2020).

Em 1º de janeiro de 2019, Michelle Bolsonaro ocupou as páginas dos grandes meios de comunicação do Brasil ao discursar antes do seu marido, Jair Bolsonaro, em sua posse como Presidente da República. O que chamou atenção foi a comoção por parte da população ao ver uma primeira-dama usando a palavra antes do presidente. Como era esperado, a reação da mídia foi rápida, repercutindo a fala (ou gestos) de Michelle. O discurso, proferido em Libras (Língua Brasileira de Sinais), ganhou as

⁸ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar>. Acesso em 06 de julho de 2023.

páginas dos jornais e revistas no mesmo dia. (MAIER; PEREIRA, 2020, p.8).

Durante o tempo como Primeira-dama, Michelle teve atrelada à sua imagem a função de diminuir a figura machista de Bolsonaro. Em matéria de 4 de janeiro de 2019, a Revista Veja publicou que a presença da esposa em compromissos oficiais “talvez ajude a desvanecer a pesada fama de machista que Bolsonaro conquistou com tantas declarações infelizes”⁹.

A atuação de Michelle também ficou restrita aos temas assistenciais. Em julho de 2019, o Ministério da Cidadania lançou o programa Pátria Voluntária, com o objetivo de fomentar a prática do voluntariado, e que teve como presidente a primeira-dama. Tal ação, conforme Maier e Pereira (2020) “confirma o papel social, benemerente e voluntário da esposa do presidente”.

2.3. O PORTAL UNIVERSO ONLINE E A SEÇÃO TAB

O surgimento da internet mudou a dinâmica da sociedade em inúmeras esferas da vida dos seres humanos. Essa nova ferramenta revolucionou o modo de fazer jornalismo, pois “o uso da Internet propiciou a criação de uma nova zona de circulação de informações, o chamado ciberespaço” (SILVA; FERREIRA, 2016, n.p.). No Brasil, o jornalismo iniciou sua jornada no ambiente virtual em meados do ano de 1996, com o surgimento do Portal Universo Online, mais conhecido apenas como UOL.

Conforme escreve Ferrari (2006), o Brasil viveu um processo distinto do que aconteceu nos Estados Unidos em relação ao surgimento dos sites de conteúdo. Ainda segundo a autora, no Brasil os portais surgiram dentro das empresas jornalísticas, enquanto em solo americano o surgimento desse formato de veiculação de conteúdo jornalístico surgiu por meio dos sites de busca. O grande exemplo desse fenômeno brasileiro é o Portal UOL, que nasceu com o nome de Folha Web, um produto do grupo Folha de São Paulo.

A transformação de Folha Web para o Portal Universo Online aconteceu na madrugada do dia 28 de abril de 1996. A primeira versão do site era simples e possuía poucas semelhanças com aquilo que entendemos como um portal de notícias dos dias de hoje. O layout do site funcionava da seguinte maneira:

⁹ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/ela-quebrou-tudo/>. Acesso em 06 de junho de 2023.

Apenas duas manchetes apareciam nesta primeira página, uma maior, logo abaixo do fio data e do copyright, e outra menor sob a anterior. À direita, dois links direcionavam o leitor para outras páginas. O primeiro deles, explicava o que havia ocorrido com a Folha Web. O segundo, levava ao site da revista IstoÉ (SILVA; FERREIRA, 2016, p. 9).

O portal que está acessível hoje é bem diferente do que foi lançado há mais de 25 anos. Na atualidade, o UOL reúne as características de um portal horizontal, que de acordo com Lima Junior (2003), são aqueles que focam em grandes audiências, oferecendo a maior gama possível de serviços e informações, enquanto os portais verticais segmentam sua audiência para um tema específico. Segundo Ferrari (2006), é necessário que um portal tenha em seu layout seções que separam os conteúdos por editorias, como política, esporte, entretenimento, cultura, etc.. Segundo dados disponibilizados pelo próprio grupo, o portal recebe 114 milhões de visitantes únicos mensalmente e 7,4 bilhões de páginas vistas por mês¹⁰.

A seção TAB, que faz parte do Portal UOL, é responsável pelo desenvolvimento de reportagens mais aprofundadas sobre diversos assuntos pertinentes à sociedade brasileira, assim como a produção de perfis, como os textos que serão analisados no presente trabalho. Os autores Ventura e Ito (2016) elencaram algumas características da seção TAB.

É possível observar o uso de certos elementos do formato noticioso padrão, como a presença de componentes visuais para destacar informações e “quebrar” o texto, a diferenciação entre título e subtítulos, e a indicação da fala do entrevistado entre aspas. Entretanto, a linguagem é muito mais livre, não obedecendo em nenhum dos casos ao formato da pirâmide invertida, em que as informações de maior relevância devem aparecer de maneira decrescente no texto. Consequentemente, não há lead encabeçando os textos. Tais características se relacionam, em primeiro lugar, ao gênero jornalístico do TAB, a reportagem, e aos temas escolhidos, que, em geral, não tratam de assuntos imediatos, urgentes, factuais. (VENTURA; ITO, 2016, p.125).

Por buscar um maior aprofundamento nos temas e uma escrita menos baseada no modelo de pirâmide invertida, a seção TAB contribuiu positivamente na produção de um jornalismo com maior rigor de apuração e atento aos detalhes das narrativas apresentadas.

¹⁰ <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/historia/>. Acesso em 05 de julho de 2023.

3 PROCESSO ANALÍTICO

3.1 RECORTE DE ANÁLISE 1

“Olhares e comentários migraram pouco a pouco para o seu lado direito, onde uma mulher de 39 anos (atualmente 40), de blazer preto, perfilava-se com os cabelos castanhos amarrados em um discreto laço negro, olhando para baixo enquanto Dom Manuel F. dos Santos Jr, bispo diocesano de Registro (SP), puxava uma oração, ou fechando os olhos enquanto passagens bíblicas eram citadas. Nascia ali, no velório da matriarca da família, o interesse por Michelle de Paula Firmo Reinaldo Bolsonaro...”

"Ela ficou todo o tempo de braço dado com ele, abraçando e dando carinho. Jair tem esse jeitão que parece meio bruto, mas ainda é um meninão. Dá para ver que é ela quem cuida dele."

No texto escrito pela jornalista Juliana Faddul, os dois parágrafos iniciais dedicados a Michelle Bolsonaro focam em ambientar o leitor para um acontecimento específico: o velório da mãe do ex-presidente Jair Bolsonaro, que ocorreu na cidade de Eldorado, no estado de São Paulo. As primeiras linhas do texto contextualizam a movimentação na cidade com a iminente chegada do filho “ilustre” da cidade. Conforme a autora afirma, durante a cerimônia fúnebre, a atenção das pessoas foi “gradualmente mudando de foco” e indo em direção à Michelle.

A construção desses dois primeiros parágrafos evidencia um apagamento da figura de Michelle por si só, como se ela não existisse por ela mesma. Sua relevância social está intrinsecamente ligada à figura do marido, Jair Bolsonaro, que à época era o Presidente da República. Isso se deve à uma construção histórica muito longa, onde a história era vivida e escrita apenas por homens. Conforme cita Follador (2009), às mulheres foi negado a participação no espaço público, pois é neste ambiente que as decisões importantes são tomadas, sendo este local de atuação destinado única e exclusivamente aos homens.

Para se referir à Michelle, pela primeira vez, a autora destaca as seguintes características: “perfilava-se com os cabelos castanhos amarrados em um discreto laço negro, olhando para baixo”. Este excerto caracteriza a ex-primeira-dama como uma mulher recatada, reforçando a ideia de que a mulher precisa sempre ser discreta, não se sobressaindo à figura do marido. Esse pensamento é oriundo de um

Brasil colonial, do século XVI, período em que houve um fortalecimento do sistema patriarcal no país. Conforme citam Nunes, Ramos e Guerra (2016), o comportamento da mulher influenciava na honra de seus familiares homens.

As mulheres também eram analisadas pela sociedade conforme o comportamento. Elas deveriam se portar de forma discreta e recatada, antes e depois do casamento. A virgindade e a reputação de uma mulher eram diretamente ligadas a sua honra, se estendendo consequentemente à honra de suas famílias, pais ou maridos se fosse o caso. (NUNES, RAMOS e GUERRA, 2016, p.4).

As visões sobre o papel da mulher na sociedade são criadas, muitas vezes, sob a égide de preceitos oriundos das religiões judaico-cristãs. Considerando que o Brasil foi formado tendo como uma de suas bases o cristianismo, essa influência passa a ser ainda maior. Conforme explica Follador (2009), a figura da mulher na sociedade foi cunhada a partir de duas figuras distintas da mitologia cristã: Eva e Maria, com a primeira representando a mulher pecadora e a segunda cristalizando a ideia da mulher santa.

Levando em conta o fragmento destacado anteriormente, que caracteriza Michelle Bolsonaro como uma mulher recatada, é possível observar a relação entre a ideia que a sociedade estabeleceu sobre o que é ser uma mulher de respeito e a figura de Maria. Follador (2009) descreveu a criação da imagem da mulher perfeita baseada na figura da mãe de Jesus.

O culto à Virgem ganhou destaque a partir do século XII, onde Maria representava o ideal de mulher pura, assexuada, capaz de conceber sem pecar. Um ideal que deveria ser seguido pelas demais mulheres em detrimento da herança deixada por Eva, pois, enquanto essa carregava o castigo na sua sexualidade, Maria trazia a redenção às mulheres mostrando que era possível cumprir o papel de procriadora, sem exercer o desejo carnal. (FOLLADOR, 2009, p.7)

Podemos observar uma relação de sentido da figura de Maria com a descrição feita de Michelle Bolsonaro: na ocasião do velório da mãe do marido, Michelle cumpria o seu papel, mas sem chamar atenção, mantendo o recato e sem roubar o destaque do marido, que é o verdadeiro detentor do direito de aparecer e participar dos debates e decisões do espaço público, ainda mais naquele momento onde Jair Bolsonaro ocupava a Presidência da República.

Seguindo a leitura, é possível destacar a utilização do nome completo de Michelle Bolsonaro no fim do parágrafo. Para o leitor, a utilização de apenas um nome e de um sobrenome possibilitaria a compreensão sobre quem é a figura que está sendo retratada. No entanto, ao utilizar “Michelle de Paula Firmo Reinaldo Bolsonaro” é possível inferir que há uma tentativa de criar a ideia de que a então primeira-dama vinha de uma boa família e que não era “só mais um Silva”¹¹.

Além de se referir ao nome de Michelle Bolsonaro dessa maneira, há ainda no texto outras tentativas de esconder a verdadeira origem dela. Em determinado momento, um personagem trazido ao texto cita que a mulher “nem parece ser de Ceilândia”, devido ao comportamento da ex-primeira dama e por sua prestatividade aos serviços domésticos em uma determinada ocasião. Ceilândia é uma região administrativa do Distrito Federal, conhecida também por ser uma cidade-satélite de Brasília. O local não possui o mesmo status da capital federal e por isso uma pessoa que seja oriunda do distrito pode ser considerada não tão culta quanto um brasileiro natural ou como aqueles que habitam na alta sociedade de Brasília.

Ao final do segundo parágrafo, a autora traz novamente a fala de uma personagem que reforça a ideia de submissão da mulher em relação ao homem e ainda adiciona uma nova problemática: a normalização de discursos preconceituosos do presidente Jair Bolsonaro. Primeiramente, o personagem trazido ao texto diz que é Michelle “quem cuida” do marido. Essa frase só reproduz um conceito enraizado no Brasil desde o período colonial, conforme explica Follador (2009).

Levando em consideração que o Brasil foi colonizado por ocidentais, podemos concluir que os homens no Brasil possuíam os mesmos conceitos, em relação à mulher, que os moradores do velho continente. Assim, desde o período colonial a exigência de submissão, recato e docilidade foi imposta às mulheres. Essas exigências levavam à formação de um estereótipo que relegava o sexo feminino ao âmbito do lar, onde sua tarefa seria a de cuidar da casa, dos filhos e do marido, e, sendo sempre totalmente submissa a ele. (FOLLADOR, 2009, p.8).

Ainda no mesmo trecho, o personagem cita que Bolsonaro possui “um jeitão que parece meio bruto” e que ele “ainda é um meninão”. Essas afirmações parecem ter como intuito desresponsabilizar o então presidente por suas falas

¹¹ Trecho da música “Rap do Silva”. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vlZ9MGgC1NI>. Acesso em 16 de setembro de 2023.

preconceituosas. Como exemplo de declarações desta natureza, pode-se citar a vez que Jair falou sobre os filhos, em especial sobre a filha mais nova: “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens. A quinta eu dei uma fraquejada e aí veio uma mulher”¹².

O texto analisado é caracterizado como uma reportagem de perfil, sendo assim, possui uma estrutura diferente de um simples texto noticioso. No entanto, por se tratar de uma produção jornalística, a autora não pode abandonar os critérios de noticiabilidade que norteiam a atividade profissional. A existência do texto pode ser entendida observando o critério da proeminência, enunciado por autores como Erbolato, Stieler, Warren e Bond, todos esses citados por Silva (2005). A proeminência diz respeito às figuras representadas na produção e, no nosso caso, é perfeitamente compreensível a produção de uma reportagem sobre as figuras de Michelle Bolsonaro e de Jair Bolsonaro.

No entanto, a existência legítima do texto não é o suficiente para analisá-lo por completo. Além disso, é necessário observar a construção do texto e as informações que foram escolhidas para estarem nele. No recorte apresentado, a autora escolheu incluir a fala de um personagem que caracteriza Jair Bolsonaro como “meninão” e “meio bruto”, além de dizer que é Michelle quem “cuida dele”. Ao escolher uma fala que legitima as falas preconceituosas do ex-presidente, que não foram colocadas no texto para permitir ao leitor uma comparação justa, a autora, de certa forma, adota a fala da personagem como a verdade.

Os conceitos da Teoria do Espelho, que enuncia que o jornalismo é uma representação fiel dos fatos e da realidade, já foram há muito superados. A imparcialidade total do jornalista é inalcançável, pois, como enuncia John Hartley, citado por Silva (2005), os valores notícia não são naturais, nem neutros, mas formam um código que vê o mundo de uma maneira particular, um “código ideológico”. Também citado por Silva (2005), Schudson caracteriza a notícia como um produto cultural, fruto das vivências, experiências e convicções daquele que a escreve.

3.2 RECORTE DE ANÁLISE 2

¹² Disponível em

<https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2017/04/bolsonaro-diz-que-teve-filha-mulher-por-fraquejada.html>. Acesso em 16 de setembro de 2023.

“O protagonismo inesperado da primeira-dama chamou atenção da comitiva que acompanhava o presidente e que estruturava táticas para sua reeleição desde 2019...”

“Esse é o presidente que 'não gosta de mulheres'”, ironizou Michelle na ocasião. “A diferença é que ele faz, a diferença é que ele não quer se promover. Nós não queremos nos promover, nós queremos fazer. Nós queremos entregar. Esse é o nosso compromisso desde o dia 1º de janeiro de 2019: que nós iríamos trabalhar e não iríamos deixar ninguém para trás. Esse é o nosso trabalho pela nossa nação”, afirmou. No evento, a primeira-dama mostrou-se solícita, abaixando-se para pegar bandeiras, servindo água ao marido, sorrindo e abraçando os presentes. ”

Ela me representa: é fiel, bonita, inteligente, esposa, mãe, profissional. E está ali ao lado do marido, procurando fazer o que é melhor para o Brasil.”

Seguindo com o texto sobre Michelle Bolsonaro, pode-se destacar nos fragmentos destacados acima o seguinte excerto: “o protagonismo inesperado da primeira-dama”. O uso do adjetivo “inesperado” demonstra com perfeição a ideia que existe sobre a atuação das primeiras-damas no âmbito político. Como descrito anteriormente, a elas, desde os anos 1930, foi reservado o papel de comandar as ações referentes à assistência social, sem muito destaque dentro dos governos ou das campanhas eleitorais.

Apesar dessa noção sobre o papel das esposas dos presidentes e presidenciáveis estar muito presente na sociedade contemporânea, o pleito de 2022 requisitou dos candidatos novas formas de conquistar o eleitorado. Tendo em vista que Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva marcavam uma grande pontuação nos índices de rejeição, as esposas entraram em cena para diminuir a aversão aos candidatos, principalmente no que diz respeito ao público feminino. Sendo assim, o protagonismo de Michelle Bolsonaro até pode ter sido inesperado, tendo em vista o histórico brasileiro, mas uma análise do momento eleitoral mostraria que essa atuação era necessária.

Avançando para o segundo parágrafo destacado, nos vemos ambientados em um ato de campanha em que Michelle faz um discurso forte e bem posicionado com o público que potencialmente votaria em Jair Bolsonaro. Apesar de ter uma fala imponente e que traz a ela um protagonismo neste ato, o parágrafo termina citando ações que a primeira-dama realizou, que são muito menos impactantes que o discurso em si. Mostrar-se “solícita”, “se abaixar para pegar bandeiras”, “servir água

ao marido” e sorrir para os presentes são ações que deveriam ficar em segundo plano frente ao discurso que ela proferiu, mas a autora decidiu incluí-las no texto.

A inclusão dessas ações menos políticas e mais ligadas à uma ideia de prestatividade se encaixam na descrição de Follador (2009) sobre o papel que foi destinado às mulheres no Brasil desde o período colonial, onde a elas era exigido a submissão ao marido, descrito neste recorte na ação de “servir água ao marido”, de recato e docilidade, exposto neste excerto nas ações de “pegar bandeiras” e de sorrir e abraçar os presentes.

É interessante observar como esses conceitos sobre a figura feminina não ficam restritos à vida privada do casal, mas são completamente transferidos para a esfera pública em seus mais diversos aspectos. Essa característica da sociedade brasileira foi observada por Holanda (1995), quando o autor analisou a formação do povo brasileiro e como ele se organizou em sua gênese. Para o autor, houve a criação de uma estrutura extremamente rígida, baseada no comando absoluto pela figura patriarcal, que se estendia aos familiares, às terras e aos escravizados. Para Holanda, essa estrutura extrapolava os limites da vida privada.

O quadro familiar torna-se, assim, tão poderoso e exigente, que sua sombra persegue os indivíduos mesmo fora do recinto doméstico. A entidade privada precede sempre, neles, a entidade pública. A nostalgia dessa organização compacta, única e intransferível, onde prevalecem necessariamente as preferências fundadas em laços afetivos, não podia deixar de marcar nossa sociedade, nossa vida pública, todas as nossas atividades. (...) O resultado era predominarem, em toda a vida social, sentimentos próprios à comunidade doméstica, naturalmente particularista e antipolítica, uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família. (HOLANDA, 1995, p.84).

Por fim, analisando o último parágrafo destacado neste recorte, nos deparamos com a fala de uma personagem que foi incluído no texto, onde ela cita características presentes em Michelle Bolsonaro que a representam: “fiel, bonita, inteligente, esposa, mãe, profissional. E está ali ao lado do marido”.

A própria ordem em que as características são elencadas é um fator a se destacar: o fato de “profissional” ser o último atributo citado não é por acaso e representa, por meio do discurso, como a entrada das mulheres no mercado de trabalho foi tardia e só aconteceu sendo fruto de muita luta. Segundo Follador (2009), o século XIX representou um período de mudanças na participação das mulheres no mercado de trabalho, principalmente nos países desenvolvidos. Ainda

conforme a autora, no Brasil essas revoluções foram tardias, visto que mesmo com a independência do país, o modelo econômico e social seguiu o mesmo: patriarcalismo e produção escravocrata.

Os adjetivos “fiel” e “bonita” também podem ser alvos de análise, visto que desde a formação da sociedade brasileira, a mulher era considerada desonrada se não fosse fiel ao marido ou se perdesse a virgindade antes do casamento. No âmbito da sexualidade, o autor Freyre (2013, p.258) mostra que a moralidade era diferente para os gêneros, visto que para o homem era dado “todas as liberdades de gozo físico do amor e limitando o da mulher a ir para a cama com o marido, toda a santa noite que ele estiver disposto a procriar”. Ou seja, além de ser honrada, a mulher precisa, conforme esse discurso enraizado, ser atraente para satisfazer sexualmente o marido a hora que ele quisesse, sendo que ele poderia ainda se relacionar com outras mulheres, que na grande maioria das vezes eram as próprias escravizadas.

Os demais adjetivos utilizados apenas reforçam conceitos já citados neste trabalho, sobre os papéis da mulher como mãe e “senhora da casa”, além da servilidade e a submissão ao marido. Pensando jornalisticamente, a frase dessa personagem deixa a entender que o texto busca legitimar tais posições que são designadas às mulheres, pois a fala é inserida sem qualquer tipo de contraponto ou ideia que seja minimamente oposta.

3.3 RECORTE DE ANÁLISE 3

“O consenso é que Janja, com seu jeitão espontâneo, tornou-se pop e não há como restringi-la, dado seu livre acesso a Lula e à campanha.”

““Em seu discurso no 7 de Setembro, em Brasília, Jair Bolsonaro sugeriu a apoiadores que fizessem “comparações” entre Janja e a atual primeira-dama, que classificou como “uma princesa”

No texto intitulado “Da geladeira da Itaipu à vigília na PF, como Janja virou amuleto de Lula”, da jornalista Lola Ferreira, temos o perfilamento de Rosângela Lula da Silva, atual esposa do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ainda candidato quando o texto foi escrito.

É de se destacar no primeiro fragmento selecionado acima o uso do termo “jeitão”, que foi uma palavra utilizada no texto anterior para se referir ao

ex-presidente Jair Bolsonaro. A utilização do mesmo substantivo para vincular duas personalidades tão diferentes em matérias publicadas em uma mesma seção do Portal UOL, em dias seguidos, não deve ser observada apenas como uma mera coincidência.

Anteriormente, a jornalista Juliana Faddul afirma que Jair Bolsonaro tinha um “jeitão meio bruto”. Neste fragmento, Janja é caracterizada como dona de um “jeitão espontâneo”. O uso da mesma palavra para referenciar essas duas figuras pode revelar um esforço para masculinizar a esposa de Lula, em uma tentativa de afastá-la da figura da mulher perfeita, conforme os conceitos presentes e enraizados na sociedade brasileira e explicados anteriormente no presente trabalho. Essa possível tentativa de masculinização de Janja reafirma ideias enraizadas no sistema patriarcal, como bem explica Biroli (2010).

A naturalização da exclusão das mulheres da esfera pública e, particularmente, dos cargos políticos eletivos, vem sendo um fator de legitimação da política como “negócio de homens”. As mulheres não se interessariam pelos debates políticos e, menos ainda, por participar da política institucional porque estariam, naturalmente, voltadas para o que lhes seria mais caro: a vida privada, a esfera doméstica, a maternidade. A crítica feminista e a atuação política a ela correspondente confrontam-se com práticas e valores patriarcais que se atualizam, tendo como um de seus eixos a afirmação do desinteresse feminino pela política, o silêncio sobre a atuação pública das mulheres e, no limite, a reprodução de estereótipos de gênero. (BIROLI, 2010, p.48).

A tentativa de desvincular a figura de uma mulher da ideia de um modelo feminino a ser seguido não é nenhuma novidade no Brasil. Em 2016, quando o país vivia uma das mais graves crises políticas da história, a esposa do então vice-presidente Michel Temer foi perfilada pela jornalista Juliana Linhares no texto intitulado “Marcela Temer: Bela, recatada e do lar”¹³, publicado na Revista Veja. Na reportagem, a autora descreve como a então “quase primeira-dama”, à maneira que a própria escritora pontua, gostava de usar vestidos na altura dos joelhos e cuidava da família. O texto foi um claro posicionamento contra a então presidente Dilma Rousseff, que não se encaixa nos chamados padrões de beleza da sociedade e que estava na corda bamba no jogo político brasileiro.

No caso de Janja, uma mulher posicionada mais à esquerda no espectro político, assim como Dilma, podemos notar um movimento parecido, que vai na

¹³ Disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar>. Acesso em 02 de outubro de 2023.

mesma direção, ainda mais se observarmos a sequência do texto, com o trecho “não há como restringi-la”, que pode significar que ela é uma mulher independente e que tem o controle sobre suas próprias ações, como pode insinuar que Janja é intrometida e incontrolável, que tem acesso total ao presidente, fato que atrapalha o trabalho dele.

Levando em consideração o segundo fragmento destacado, temos a retomada de uma fala do presidente Jair Bolsonaro sobre Michelle e Janja. Na declaração, o ex-presidente tenta forçar seus apoiadores a adotarem um discurso que coloca as duas figuras em posição de rivais, quase como se estivesse suscitando uma guerra feminina. No centro desse embate entre duas mulheres, está a questão da beleza, pois Jair Bolsonaro caracteriza a própria esposa como “uma princesa”.

A respeito dos padrões estéticos da figura feminina, é importante nos debruçarmos sobre duas questões. A primeira delas diz respeito a como a criação do mito da beleza, explorado por Wolf (2019), foi uma reação da estrutura social comandada pelas figuras masculinas às conquistas do movimento feminista, para justamente frear os avanços sociais das mulheres. Segundo a autora, “à medida que as mulheres iam exigindo acesso ao poder, esta estrutura recorreu ao mito da beleza para prejudicar de modo substancial o progresso das mulheres” (2019, p.39).

Ainda sobre essa questão, Wolf (2019) cita como o mito da beleza foi criado para substituir outros conceitos no papel de coerção social da figura das mulheres.

Estamos em meio a uma violenta reação contra o feminismo que emprega imagens da beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza. (...) À medida que as mulheres se liberaram da Mística Feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social. (WOLF, 2019, p.26-27).

A questão do mito da beleza diz respeito muito mais aos homens e à estrutura masculina na qual a sociedade está organizada do que propriamente às mulheres, sendo essa a segunda questão importante a ser tratada sobre os padrões estéticos. Conforme Wolf, “o mito da beleza não tem absolutamente nada a ver com as mulheres. Ele gira em torno das instituições masculinas e do poder institucional dos homens” (2019, p.31).

Tendo em vista esse conceito, é possível observar relações predatórias que são criadas a partir do mito da beleza, uma competição realmente voraz. Segundo Wolf, “os homens fortes lutam pelas mulheres belas” (2019, p.29), o que as torna praticamente um troféu. Essa condição gera uma competição entre as mulheres, que é visível, porém travada muitas vezes de maneira inconsciente. A autora explica os malefícios da disseminação desses conceitos a respeito da beleza.

Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram. (WOLF, 2019, p.29).

No fragmento citado, é possível observar essa dinâmica. Com Jair Bolsonaro forçando uma comparação entre as esposas, ele visa se vangloriar por supostamente ter conseguido conquistar a mulher mais bonita, além disso, ele estimula uma discussão que foge ao campo eleitoral, que deveria ser decidido por escolhas baseadas em projetos e convicções políticas, e cria uma disputa baseada em conceitos que nada tem a ver com a administração de um país.

Intencionalmente ou não, a inclusão, por parte da autora, dessa fala do ex-presidente contribui para um acirramento da disputa antinatural e sem sentido entre as figuras femininas.

3.4 RECORTE DE ANÁLISE 4

“Enquanto tenta dar novo significado à imagem de Lula e ao próprio termo “primeira-dama.

“Críticos de Janja fora do PT afirmam que todo esse envolvimento dela com artistas é deslumbramento, uma espécie de “artista frustrada”.

Para uma ala mais progressista da sociedade, é de extrema importância que as mulheres ocupem posições de destaque na sociedade, seja em cargos importantes de empresas, em órgãos públicos e também com protagonismo na política. No entanto, ainda existe uma significativa parcela da população brasileira que se mantém apegada a conceitos mais conservadores, como a da figura feminina sempre em papéis secundários.

Essa tendência se explica pela formação da sociedade contemporânea ocidental, contexto no qual o Brasil está inserido.

(...)na época civilizatória, com o advento da família patriarcal, a construção da identidade feminina se forma e se enraíza, na interiorização pelas mulheres, de normas enunciadas pelos discursos masculinos de conformidade com os estereótipos de cada povo e de cada território.(RODRIGUES, NASCIMENTO, NONATO, 2015, p.79).

Levando em consideração a afirmação dos autores, é possível perceber diferentes significados para o primeiro fragmento destacado neste recorte. A própria Janja já declarou, em entrevista, que gostaria de ressignificar o conceito de primeira-dama¹⁴. Para ela, as mulheres hoje estão em outro patamar na sociedade e a maneira de ocupar o posto deveria ser diferente. Essa postura de Janja, retratado no texto pelo excerto destacado, pode ser vista de duas maneiras: para a parcela mais progressista da sociedade, a atual primeira-dama está quebrando com alguns conceitos que limitavam a figura da esposa dos presidentes, como o de ficar restrita às atividades de cunho social; para o lado mais conservador dos brasileiros, Janja pode ser vista como uma pessoa que não respeita as tradições e as formalidades que o cargo necessita.

Da maneira como o pensamento de Janja foi exposto no texto, não fica claro a intenção da autora sobre qual visão ela adotou. No entanto, à título de comparação, Michelle Bolsonaro e Janja desempenharam papéis semelhantes na campanha presidencial de 2022, comandando atos sem a presença dos maridos e proferindo discursos fortes e bem posicionados, mas apenas no texto sobre a esposa de Lula é falado sobre “ressignificar o conceito de primeira-dama”.

É importante notar como as duas figuras que tiveram um papel tão semelhante não são tratadas da mesma forma. Durante os dois textos pode se observar uma oposição clara entre Michelle Bolsonaro e Janja: para a primeira, tenta se passar a imagem do recato; para a segunda há a intenção de imputar a percepção de uma mulher que não estaria respeitando os limites e que não sabe o lugar que ocupa.

¹⁴ Disponível em <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/11/quero-ressignificar-o-que-e-ser-primeira-dama-diz-janja-em-entrevista.ghtml>. Acesso em 10 de outubro de 2023.

Quanto ao segundo fragmento destacado neste recorte, é importante compreender o contexto em que Janja se conectou com artistas. Para a campanha de 2022, a equipe de Lula decidiu fazer uma nova versão do clássico jingle “Sem medo de ser feliz”¹⁵, utilizado pelo petista pela primeira vez na corrida presidencial de 2018. A ideia foi encabeçada, entre outras pessoas, pela esposa de Lula, que por sua influência iniciou o processo de convocação dos artistas.

A reedição do jingle teve uma repercussão considerável, com o clipe¹⁶ alcançando a marca de 2,7 milhões de visualizações no *Youtube*. A música teve interpretação de artistas brasileiros consagrados como Martinho da Vila, Paulo Miklos, Maria Rita e cantores da nova geração como Pablo Vittar e Duda Beat, além da própria Janja que cantou trechos da letra.

A iniciativa, apesar de ter tido relativo sucesso, foi retratada na reportagem como um impulso de Janja por ser uma “artista frustrada”, que se aproveitou da posição privilegiada que ocupa na sociedade para realizar um suposto sonho de cantar. No entanto, a própria jamais declarou em nenhuma oportunidade ter tido a vontade de ser uma artista. Essa suposição feita pela autora, com base em boatos oriundos de bastidores de campanhas políticas, se mostra bastante irresponsável, pois a mera presença dessa afirmação no texto pode causar impressões negativas ao público leitor. Retratar a primeira-dama em um veículo jornalístico importante como o UOL é bastante relevante, mas é necessário ter cuidado com os discursos adotados. A autora Biroli (2010) explica um pouco das relações existentes na representação de figuras políticas masculinas e femininas na imprensa.

Entende-se, como já foi dito, que a “mera presença” de vozes femininas nos noticiários não garante deslocamentos em relação a práticas políticas e a discursos convencionais sobre a política e sobre as relações de gênero. Sua exclusão ou sua presença reduzida, marcada por estereótipos, indica, no entanto, que os filtros que definem quem estará presente nos noticiários, e como estará presente, incidem diferentemente sobre homens e mulheres. (BIROLI, 2010, p.53).

Assim, levando em consideração o que pontuou a autora e analisando o fragmento em destaque, fica claro que optar por incluir uma suposição sobre Janja ser uma “artista frustrada” contribui de maneira extremamente negativa para a

¹⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tz2D7YYLzLU>. Acesso em 10 de outubro de 2023.

¹⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=h8R70l4DkFg>. Acesso em 10 de outubro de 2023.

percepção do público leitor sobre a figura perfilada, ainda mais quando não há qualquer tipo de elemento que possa comprovar tal fato.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção da presente pesquisa era analisar de maneira crítica os discursos utilizados para representar duas figuras centrais na disputa presidencial de 2022, o pleito mais disputado da história da Nova República brasileira, conforme comprovam os dados oficiais do Tribunal Superior Eleitoral já citados anteriormente.

Como objeto de análise, houve a seleção de dois textos do Portal UOL, publicado na sessão TAB, em contextos semelhantes e com as mesmas características: reportagens de perfil, publicadas em dias seguidos, praticamente no mesmo horário e com tamanhos bastante similares.

O objetivo dessa análise era o de entender de que maneira as figuras de Michelle Bolsonaro e Janja foram apresentadas ao grande público, considerando que o Portal UOL é um dos sites de maior audiência no Brasil, e como as escolhas feitas pelas jornalistas que redigiram os textos poderiam influenciar na percepção do eleitor sobre as duas figuras citadas e, consequentemente, sobre os candidatos Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva.

Com os pontos destacados no processo analítico de alguns recortes selecionados, é possível observar grandes diferenças na maneira de perfilar as personagens. Michelle Bolsonaro e Janja são caracterizadas como figuras opostas: a primeira é a imagem do recato, a segunda do despudor.

A esposa de Jair Bolsonaro é vangloriada pela sua prestatividade em serviços caseiros, pela sua descrição em ambientes que frequenta com o marido, pela sua devoção aos serviços da igreja, por se interessar por moda e decoração e não por política.

No caso de Janja, as ações da forma que foram descritas no texto insinuam posturas que, para o conservadorismo enraizado na sociedade patriarcal brasileira, não são adequados para uma mulher “direita”, como por exemplo: ela ter um certo controle da agenda do marido, por ela agir nos bastidores de peças de campanha ou até na insistência em que a autora teve em citar que Janja esteve presente com o

marido enquanto Lula esteve preso, quase que tentando imputar alguma conduta ilícita a ela.

Os discursos baseados em conceitos religiosos estão muito presentes na representação das duas personagens, que formam as figuras de oposição clássicas da mitologia cristã: Eva e Maria. Enquanto Michelle Bolsonaro ocupa a posição da mãe de Cristo, a virgem que aceitou o destino de ser mãe daquele que para o cristianismo é o salvador, Janja é colocada em consonância com a figura de Eva, aquela que não aceitou a posição que deveria ocupar e por isso caiu no mundo do pecado condenando todos os seus descendentes.

Apesar das análises realizadas, não é possível saber quais eram as intencionalidades das autoras com os textos, sendo possível que elas até inexistem, podendo ser apenas textos de perfis sobre duas personagens femininas que ganharam papel de destaque na política brasileira, um território historicamente dominado por homens brancos e detentores de algum tipo de poder de ordem econômica.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva Carlos. Imprensa e poder no Brasil pós-1930. **Em Questão**, Porto Alegre, v.12, n.2, p.215-234, jul./dez. 2006. Disponível em <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=465645955002>. Acesso: 26 de outubro de 2023.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo** .2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

BIROLI, Flavia. Mulheres e política nas notícias: Estereótipos de gênero e competência política. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v.90, sn, p.45-69, set. 2010. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/1765>. Acesso em: 26 de outubro de 2023.

ENGELS, Friedrich. **A origem da Família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2006.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista fato & versões**, Uberlândia, v. 1, n. 2, p. 3-16, 2009.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano**. São Paulo: Global, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. **Mídia digital: o vigor das práticas jornalísticas em um novo espaço**. 2003. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. . Acesso em: 05 jul. 2023.

MACHADO, Rafael. **Marcela Temer nas charges: dialogismo e construção de sentidos**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade de Taubaté, Taubaté, 2019.

MAIER, Mayara; PEREIRA, Ariane Carla. Jornalismo e equidade de gênero: uma análise das representações na mídia da primeira-dama Michelle Bolsonaro. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 43., 2020, Virtual. **Anais eletrônicos**. Guarapuava, p.1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-0170-1.pdf>.

NUNES, Bárbara Rodrigues; RAMOS, Vitor Silva; GUERRA, Márcio de Oliveira. Bela, Recatada e do Lar: o estereótipo da mulher perfeita. In: **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Disponível em:< <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0497-1.pdf>>.

PENA Felipe. **Teoria do Jornalismo**. Contexto; São Paulo, 2006.

RODRIGUES, Dayanny Deyse Leite. **"Primeiro damismo" no Brasil: uma história das mulheres na cultura política nacional (1889-2010)**. 2021. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

RODRIGUES, Maria Elizabeth; DO NASCIMENTO, Geraldo Barbosa; NONATO, Eunice Maria Nazareth. A dominação masculina e a violência simbólica contra a mulher no discurso religioso. **identidade!**, v. 20, n. 1, p. 78-97, 2015.

SILVA, Gislene. Valores-notícia: atributos do acontecimento (Para pensar critérios de noticiabilidade I). **IV ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM**. Trabalho apresentado ao NP, 2005.

SILVA, Lianzi dos Santos. **Mulheres em cena: as novas roupagens do primeiro damismo na assistência social**. 2009. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Maria Bananal Costa; FERREIRA, Indiara. O Jornalismo Online no Brasil: as origens do Portal Universo Online (UOL). In: XXI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE. **Anais [...]** Salto – SP: Universidade de Uberaba, 2016.

VENTURA, Mauro de Souza; ITO, Liliane de Lucena. Inovação no Jornalismo Brasileiro: o caso das reportagens multimídia TAB, do UOL. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v.17, n.35, p.121-134, set. – dez., 2016.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. 6.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2019.